

# sobre tudo

## AINDA SOBRE AS MEMÓRIAS DOS VINTE ANOS: O PROJETO PÉS NA ESTRADA E OS DIÁLOGOS EM MOVIMENTO

José Carlos da Silveira<sup>69</sup>

### 1. No contexto das memórias

A atividade permanente “Pés na Estrada do Conhecimento – Iniciação Científica na Escola”, completou em 2019 vinte anos de atividade na dinâmica curricular do Colégio de Aplicação da UFSC. De sua criação, em 1999, até o presente, tem como propósito estimular o interesse pela pesquisa, em uma perspectiva de fortalecimento do pensamento crítico, (re)colocando estudantes e professores dos nonos anos em lugares de pesquisador/a e orientador/a, respectivamente. Ter a pesquisa como caminho potencializador de participação social de estudantes da Educação Básica em temas sensíveis que permeiam o passado histórico de nosso país e do tempo presente amplia sentidos em torno da escola como espaço propositivo de construção do conhecimento.

---

<sup>69</sup> Doutor em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC. Professor de Geografia no Colégio de Aplicação/UFSC. Contato: prof.josecarlos@hotmail.com

Em 2020, a revista **Sobre Tudo** publicou uma edição especial dos vinte anos do “Pés na Estrada”, como é popularmente conhecida a proposta. Na ocasião, não conseguimos publicar todo o material devido à grande demanda de textos que nos chegaram. Assim, deixamos para a presente edição dois textos muito especiais para a equipe Pés na Estrada, por nos transportarem às primeiras reflexões sobre os temas que orientariam o trabalho que se iniciava, ou seja, a questão dos movimentos sociais em Santa Catarina.

Nossa primeira experiência de pesquisa na perspectiva apontada, tendo estudantes dos nonos anos no lugar social de pesquisadores, deu-se a partir do tema da problemática da posse da terra no Brasil. A primeira abordagem investigativa em campo ocorreu nos assentamentos União da Vitória e Vitória da Conquista, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Fraiburgo, município do Meio Oeste catarinense. A escola “25 de Maio”, ponto de encontro social dos dois assentamentos, nos acolheu por dez anos, funcionando como espaço de troca cultural entre jovens dos meios rural e urbano, aproximando-os em suas semelhanças, diferenças e perspectivas de vida.

Nos dez anos seguintes, ainda com foco social sobre o tema da posse da terra, caminhamos por outros terrenos, procurando encontrar novos aspectos que pudessem ampliar a formação dos então pesquisadores da Educação Básica. O olhar para a população atingida pela construção de barragens no Estado de Santa Catarina oportunizou desvendarmos realidades até então desconhecidas pelo coletivo Pés na Estrada. Inicialmente, o município de Itá, no Oeste catarinense, foi nosso ponto de chegada. A cidade derrubada para viabilizar construção do lago da barragem da usina hidrelétrica Itá (UHE Itá) e reconstruída em outra parte do município promoveu o deslocamento dos moradores, de seus projetos de vida e de suas memórias. Ao longo do tempo, conhecemos outros lugares em que impacto social da construção da

barragem tinha sido muito mais intenso, como foi o caso de Aratiba, em solo gaúcho. Lá conhecemos mais de perto o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e suas lutas.

Com o propósito de conhecermos um pouco mais da problemática envolvendo a posse da terra em nosso país e particularmente em Santa Catarina, e sobretudo, retomando memórias do trabalho realizado nos últimos vinte anos, convidamos à leitura dos textos que seguem, dois depoimentos de pessoas fundamentais nos anos do processo ora relatado. Primeiramente, Naira e Matheus Mohr, parceiros no encontro com a Escola 25 de Maio; em seguida, o senhor Auri Bugs, liderança do MAB que por anos nos recebeu em Aratiba, mostrando o outro lado do lago da UHE Itá.

## **2. O diálogo entre as escolas como elemento educativo**

Naira Estela Roesler Mohr<sup>70</sup>

Matheus Fernando Mohr<sup>71</sup>

Buscamos neste pequeno texto compartilhar e refletir sobre situações vivenciadas na interlocução entre dois coletivos: a Escola 25 de Maio e o Colégio de Aplicação da UFSC. Para isso, desafiemo-nos em revisitar memórias pessoais e coletivas entrelaçadas às nossas experiências profissionais e de vida. Organizamos a escrita em três momentos: no primeiro, uma breve apresentação dos autores e de seus vínculos com a educação do campo; em seguida, abordamos processos significativos que a atuação na escola nos proporcionou, dentre os quais o diálogo pedagógico com os colegas do Projeto Pés na Estrada do Conhecimento, que compõe a última parte.

---

<sup>70</sup> Doutora pela Universidade de Passo Fundo, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul. Contato: nairamohr@uffs.edu.br

<sup>71</sup> Doutor pela UFSC, docente da Universidade Federal da Fronteira Sul. Contato: matheus.mohr@uffs.edu.br

## 2.1 SOBRE NOSSA CAMINHADA

Naira Estela Roesler Mohr, licenciada em Educação Física pela UFSC (1986-1988), iniciou a carreira no magistério em 1989, na rede pública estadual de Santa Catarina. Entre 1994 e 1998, foi Secretária de Educação do município de Ipira (SC), tendo atuado essencialmente em torno da gestão e acompanhamento das escolas rurais, aspecto que despertou interesse em problematizar mais as questões que envolvem o tema das políticas educacionais. Foi nesse período que estava ocorrendo um número significativo de extinções de escolas catarinenses, incentivadas pelos projetos de descentralização, que além de promover a municipalização do Ensino Fundamental, orientava para a maximização da oferta, ou seja, a partir disso, organizava-se a rede de ensino com menor número de escolas aliada à concentração de alunos nos espaços urbanizados. Considerando que muitos municípios em Santa Catarina possuem sua base econômica na agricultura familiar e camponesa, observava-se uma desconexão entre a realidade e as ações governamentais que negligenciaram as pessoas que viviam no campo.

Nesse mesmo período, Matheus Fernando Mohr, graduando do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas pela UNOESC Chapecó-SC, participou do debate em torno da I Conferência de Educação do Campo (1998), ocorrida em Luziânia (GO), protagonizada por movimentos sociais do campo (principalmente o MST), a qual deu origem a um grande movimento de lutas em torno deste direito. Essa experiência foi decisiva em nossa trajetória, representando uma possibilidade de ampliarmos nosso conhecimento em torno da construção de uma proposta educacional enraizada na luta pela terra, tendo a agroecologia como pano de fundo. No início de 1999, mudamos com nossas filhas, Ana Lúcia e Ana Flávia, para atuar na Escola Agrícola Estadual 25 de Maio, situada em áreas de assentamentos localizados no município de Fraiburgo (SC). As meninas, na época com seis e cinco anos,

respectivamente, estudaram durante todo período do Ensino Fundamental nas escolas desses assentamentos.

Atualmente, somos professores na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim (RS), e além da formação acadêmica (Mestrado e Doutorado) continuamos com o vínculo às pesquisas sobre as diferentes temáticas que envolvem a Educação do Campo, Movimentos Sociais, Questão agrária, Sustentabilidade e Agroecologia.

## 2.2 A VIDA NA ESCOLA

Durante o tempo em que atuamos na escola, tivemos a oportunidade de conhecer e experienciar os processos de organicidade do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desempenhamos atividades docentes, técnico-pedagógicas, de produção agrícola, planejamento e coordenação escolar. A possibilidade de exercitar os preceitos da gestão democrática foi fundamental, principalmente pela participação ativa da comunidade escolar: professores, funcionários, estudantes e pais. Em termos de concepção teórica, os encontros pedagógicos e políticos vivenciados no Setor de Educação do MST foram decisivos. Estudos da pedagogia socialista, sobretudo das obras de Pistrak e Makarenko; da educação popular de Paulo Freire; das leituras envolvendo a pedagogia histórico-crítica, a sustentabilidade e a agroecologia, bem como os diferentes materiais produzidos pelos coletivos do MST nos possibilitaram importantes reflexões.

Na escola, com o coletivo de educadores e membros do Conselho Escolar, construiu-se a proposta de formação para crianças e jovens tendo como princípios fundamentais a organização coletiva e a agroecologia. A partir das lutas políticas do MST, a escola foi crescendo em abrangência de matrículas e estrutura física, iniciando em 2004 o

Curso de Educação Profissional de Nível Médio Técnico em Agroecologia.

As primeiras quatro turmas aconteceram por convênio celebrado entre o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA). A primeira turma aconteceu em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A segunda, com o Instituto Federal Catarinense – Campus Araquari, a terceira, com o Instituto Federal Catarinense – Campus Rio do Sul, e a quarta, com o Instituto Federal Catarinense – Campus Videira. A partir do ano de 2009, o curso Técnico em Agroecologia passou a ser ofertado como política pública pela Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

A dimensão política da participação em um movimento social teve papel fundamental em nosso processo formativo, sobretudo nas atividades de mobilizações, no Congresso Nacional do MST (2000), no Fórum Social Mundial (2001), em oficinas de acampamentos, reuniões e encontros das instâncias organizativas do movimento. Os vínculos com outros movimentos também foram essenciais, principalmente aqueles articulados à Via Campesina no Brasil e na América Latina.

Outro aspecto que destacamos foi a vivência social no assentamento, como a participação nos núcleos de base das famílias e nos grupos de coordenação local, regional e estadual do MST. Essa inserção permitiu percebermos outras relações com a terra e com os sujeitos que vivem no campo, sujeitos de direitos, produtores de cultura que promovem processos de resistência ao modelo hegemônico, seja nas práticas produtivas, seja na relação entre as pessoas.

Na atualidade, a escola ampliou seu atendimento e conta com maior disponibilidade de professores e estrutura física. Muitos educadores que atuam na escola foram nossos alunos e continuam exercitando os princípios filosóficos e pedagógicos de sua origem. Esses avanços foram possíveis fundamentalmente a partir do processo de

lutas e da organização coletiva que pautaram a Educação do Campo como direito. Mas também muito importante foi a visibilidade que a escola alcançou por sua proposta educacional e pelo apoio de outros colegas que acreditam em um mundo mais justo e igualitário, contribuindo, assim, com uma perspectiva ampla de formação humana.

### 2.3 O DIÁLOGO COM O COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC

Durante o período que estivemos atuando na escola foram realizadas diversas atividades com diferentes grupos e instituições. Na maioria das vezes, as intervenções tinham caráter pontual e caracterizavam-se como visitas pedagógicas ou como local/objeto de pesquisa.

De certa forma, cada uma das ações de intercâmbio foi importante para o processo de construção da escola, nos dando ânimo e contribuições na ressignificação de nossas práticas, uma vez que exigia um planejar constante. Por outro lado, em algumas vezes, essas atividades também sobrecarregavam a escola, que na época apresentava grandes limitações materiais e de pessoal, necessitando dispor de grande energia para atender satisfatoriamente às demandas de cada grupo. Em certa medida, a Escola 25 de Maio, como outras experiências de escolas de assentamento, simbolizava os resultados de que a luta pela reforma agrária tinha sentido e produzia efeitos importantes. Assim, é relevante frisar que, por seu caráter de maior perenidade e cuidado com que era desenvolvido, o Projeto Pés na Estrada do Conhecimento teve um papel de destaque e um significado especial na história do coletivo escolar.

O primeiro aspecto que destacamos dessa experiência refere-se ao fato de que o público recebido sempre era composto por meninas e meninos bastante jovens, hegemonicamente provenientes de um contexto mais urbanizado. O contato entre os estudantes das duas

escolas se conduzia de forma divertida, amigável e respeitosa. Em pouco tempo, observavam-se diversos grupos interagindo em conversas animadas, jogos de futebol, observação dos diversos espaços escolares e perguntas curiosas sobre os mais variados aspectos, principalmente aqueles que envolviam a produção agrícola em torno da agroecologia.

Desmistificar simultaneamente alguns preconceitos de ambos os grupos era, sem dúvida, um ponto alto do projeto. O contato presencial entre os estudantes permitia, sem romantizar as dificuldades enfrentadas no espaço do campo, reconhecer a importância de cada sujeito social como produtor de cultura, de conhecimento e de vida.

Em termos pedagógicos, era nítido o preparo com que as atividades e as atitudes dos estudantes tinham sido planejadas e conduzidas por seus professores. Também era notório o trato didático e fraterno, rigoroso no sentido teórico, com que as temáticas das pesquisas eram orientadas. Chamava a atenção o transitar dos estudantes com seus registros e busca dos diversos sujeitos para serem entrevistados, alunos, professores, funcionários e membros da comunidade. Observava-se que a inserção das turmas estava sendo orientada metodologicamente, porém com um nível de tranquilidade capaz de despertar a responsabilidade pessoal e autônoma de cada jovem.

Por fim, dentre as várias lembranças bonitas e afetuosas que cada encontro com os colegas do Colégio de Aplicação nos proporcionou, fica sempre a admiração pelo cuidado e compreensão com que os professores do projeto se relacionavam com o coletivo da Escola 25 de Maio. Desde o contato anterior ao período da visita até o retorno, tudo era acertado em acordos honestos, com as condições objetivas que a escola apresentava na época. Jamais nos sentimos pressionados por julgamentos e imposição de condições.

Essa experiência foi muito significativa e educativa para nós, que atualmente estamos no papel de professores universitários e também atuamos em projetos de extensão, podendo fundamentar mais nossas ações. Nas palavras de Paulo Freire, se não haver “comunicação”, facilmente a extensão pode se constituir como processo de invasão cultural. Felizmente, em nossa experiência de uma década de diálogo com os amigos do Colégio de Aplicação, a comunicação sempre teve papel primordial.

Parabéns aos anos de estrada. Parabéns a todos que trilharam juntos!

Abraços,  
Naira e Matheus

### **3. Diálogo com o movimento dos atingidos por barragens**

Desde 2015, passamos a ter contato mais direto com a comunidade Sarandi, no município de Aratiba, no Estado do Rio Grande do Sul. A comunidade sofreu, e ainda sofre, grande impacto social com a construção da UHE Itá. Um dos representantes do MAB local, o senhor Auri Bugs, sempre procurou atender nossos agendamentos de visita à comunidade, mobilizando moradores para estabelecerem diálogos com nossos pesquisadores. Considerando a distância que nos separa e os impedimentos tecnológicos para uma comunicação direta com nosso parceiro, o depoimento que segue foi mediado pelo neto do senhor Auri, o Tiago, a quem agradecemos a disponibilidade pela escuta e transcrição.

Auri Bugs se define como um pequeno agricultor, com atividade voltada a agroecologia, que faz parte da coordenação do MAB e da ACHA (Associação Comunitária Hospitalar de Aratiba).

Para ele, os atingidos por barragens são todos aqueles que foram atingidos pela represa do lago, afetados pelo projeto neoliberal

e excludente. O principal desafio do MAB hoje, a seu ver, é encarar o alto custo da energia elétrica, lutar por Lula inocente e por um novo governo federal de esquerda.

Sobre o fato de que desde 2015 o Colégio de Aplicação da UFSC, por meio de seus estudantes e professores, tem visitado a comunidade do Sarandi, ele vê o projeto de intercâmbio como de suma importância para a comunidade do Sarandi e do município como um todo, havendo grande interesse da administração municipal em conhecê-lo melhor e deixando a comunidade ansiosa e interessada em uma nova visita dos estudantes e professores do Pés na Estrada.

“Gostaria por fim de mandar um caloroso abraço para todos os professores e estudantes da escola da universidade, dizer que para mim foi uma experiência gratificante que jamais irei esquecer, nunca esquecerei a recepção carinhosa ao me fazer presente na universidade.”